

## ARQUEOLOGIA DE UMA ENTREVISTA

*José Carlos da Costa Pinheiro*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo faz a análise de uma entrevista realizada pelo historiador Antônio Marco Villa, com a assistência do historiador José Carlos Pinheiro, ao Professor José Calasans, intelectual, estudioso e pesquisador da Guerra de Canudos. A entrevista foi realizada em vários encontros por ocasião do Centenário do término da Guerra de Canudos, nos quais o Professor José Calasans discorreu sobre a sua formação, como surgiu seu interesse por Antonio Conselheiro e Canudos, destacando a presença de alguns sobreviventes da Guerra, autores e personalidades da época que analisavam o fenômeno. Ainda apresenta brevemente alguns momentos pitorescos da entrevista propriamente dita.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Calasans; Memória, Guerra de Canudos; Antonio Conselheiro.

**ABSTRACT:** The article analyzes an interview conducted by historian Antônio Marco Villa, with the assistance of historian José Carlos Pinheiro, with Professor José Calasans, intellectual, scholar and researcher of the War of Canudos. The interview was carried out in several meetings on the occasion of the Centenary of the end of the Canudos War, in which Professor José Calasans spoke about his education, how his interest in Antonio Conselheiro and Canudos arose, highlighting the presence of some survivors of the War, authors and personalities of the time who analyzed the phenomenon. It also briefly presents some picturesque moments from the interview itself.

**KEYWORDS:** José Calasans; Memory, War of Canudos; Antonio Conselheiro.

*“Os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato. Precisam desfrutar da situação definida do “quem era quem”. Assim pensando, julgamos que a gente humilde que lutou, matou e morreu na guerra fratricida de Canudos, o Belo Monte de Antônio Conselheiro, faz jus a ingressar num texto de caráter biográfico.”*

Com a proximidade do Centenário de nascimento de José Calasans Brandão da Silva, mais conhecido como professor Calasans, intelectual, estudioso, e pesquisador da Guerra de Canudos, em uma Portaria n. 0414/2015 de 19.02.2015 e publicada no DO de 20/02/2015, o Reitor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), José Bites de Carvalho, no uso das suas atribuições legais e regimentais, e tendo em vista o

---

<sup>1</sup> Advogado e historiador do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB.

Centenário no ano de 2015, constituiu uma Comissão composta dos seguintes membros Luiz Paulo de Almeida Neiva, Sérgio Armando Diniz Guerra, Manoel Antônio dos Santos Neto e José Carlos da Costa Pinheiro para, sob a presidência do primeiro, organizar as Comemorações.

Foi grande o privilégio ter conhecido o Professor José Calasans (14/07/1915-28/05/2002), tive a honra de ter mantido com ele alguns contatos em virtude de ser eu, pesquisador do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, que tem por finalidade realizar estudos e pesquisas sobre o semiárido baiano e a Guerra de Canudos. Criado pelo Decreto nº 31.299/84 como Órgão Suplementar da UNEB. O mesmo foi desenvolvido e definitivamente implantado pela Portaria nº 5428/85 da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia e, desde então, vem ampliando seu acervo documental. Por outro lado, o CEEC vem resgatando a memória da região e valorizando o papel da comunidade sertaneja para a História Local, Regional e Nacional.

Pude travar um maior aprofundamento nessa relação com o professor Calasans no ano de 1997, Em cinco encontros, mais precisamente entre os dias 04 e 08 de agosto daquele ano; período em que se celebraria o Centenário do término da Guerra de Canudos 1896-1897, nos sertões da Bahia; quando em companhia do historiador paulista Antônio Marco Villa, da Universidade de São Carlos, recolhemos o valioso relato do saudoso Mestre Calasans, numa uma série memorável de entrevistas realizadas na Cidade do Salvador nas instalações do Núcleo Sertão da UFBA no Campus de Ondina e que se converteu no livro Calasans: Um depoimento para a História, que foi publicado posteriormente pelo próprio CEEC/UNEB no ano de 1998.

Quem trabalha com fontes orais sabe da assertiva do historiador Paul Thompson quando diz que, há algumas qualidades essenciais que o entrevistador deve possuir com relação ao entrevistado qual seja: “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas”. [Thompson, 1992, p.254].

Desse modo, eu e Villa, tínhamos um roteiro de perguntas elaboradas para serem feitas ao Professor Calasans no decorrer das entrevistas, no entanto, não ficamos presos só a elas, a medida que surgiam curiosidades e opiniões apresentadas por ele,

deixávamos a conversa fluir e o Professor expressar-se livremente durante os dias em permanecemos juntos no processo de gravação do seu depoimento, em algumas das comunicações foram mínimas as intervenções de corte para interromper a sua fala, pois, o domínio do tema Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos expostos fizeram daqueles dias uma oportunidade única e rara para mim e tenho a plena convicção de que para Villa, a de termos dialogado com uma figura tão notória como foi o Professor Calasans.

No nosso primeiro encontro foram abordadas situações como: Os seus primeiros estudos; a chegada a Salvador; o Curso de Direito e o seu retorno a Aracaju; Como passou a se interessar pela temática de Canudos e a sua primeira viagem ao Arraial de Canudos no ano de 1950. Sobre o Peregrino Antônio Conselheiro ele faz um apanhado de toda sua trajetória de vida; sua chegada ao sertão da Província da Bahia em 1876 até o crescimento dos conflitos com a Igreja e com os oligarcas locais.

Um exemplo claro foi o Dr. Cícero Dantas Martins (1838-1903), o Barão de Jeremoabo, poderoso proprietário de terra na região de Itapicuru, político influente, grande articulista que também tinha os seus temores: “via em Conselheiro, um elemento perturbador da ordem e do trabalho em sua região”.

O professor Calasans prossegue relatando, sobre os sobreviventes do Arraial de Belo Monte como Pedrão, Manuel Ciriaco, Paulo José da Hora, Dona Francisca. Faz referência ao encontro que teve com Evaristo de Moraes, advogado e Historiador. Recorda também como foram importantes as reportagens do jornalista Odorico Tavares (1912-1980) sobre os 50 anos do final da Guerra de Canudos, publicadas na revista O Cruzeiro, em 1947. Depois reunidas no livro Bahia, Imagens da Terra e do Povo, de 1951. Ilustrada por Caribé (1911-1997).

Analisa brevemente a Guerra Social de Canudos de Edmundo Moniz (1911-1997), publicado em 1978, que acabou influenciando muitos estudos sobre Canudos. Traça ao final desse dia 04 de agosto de 1997, um breve balanço a respeito da sua evolução como pesquisador do tema Canudos.

Na nossa segunda rodada de conversação tratamos de assuntos referentes ao escritor Euclides da Cunha (20/01/1866-15/08/1909) e Os Sertões; História de Canudos; O cotidiano do Povoado do Belo Monte; Os contatos entre Antônio Conselheiro e os fazendeiros da região e as contradições no interior do Povoado entre o Séquito Conselheirista.

Já na terceira entrevista o professor, explica alguns episódios da 4ª Expedição; Resgata a importância do livro de Constantino Nery, *A Quarta Expedição Contra Canudos*. Publicado no Pará em 1898; A organização interna do Povoado a estrutura de poder e as relações econômicas e o seu tamanho; Comenta o massacre da família de Antônio da Mota; Discute o suposto socialismo de Canudos, retoma a abordagem da vida cotidiana e as contradições de Canudos: Fala das mulheres Conselheiristas; Analisa o destino dos órfãos do Povoado mais conhecidos como os “Jagunçinhos”. Muitos foram acolhidos por Instituições como Santa Casa de Misericórdia da Bahia, Liceu Salesiano do Salvador e pelo Comitê Patriótico da Bahia. Fundado em Salvador a 28 de julho (1897-1901). Coordenado por Lélis Piedade.

A Quarta jornada de entrevistas a conversa volta a ser o Peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel (13/03/1830-22/09/1897), o Antônio Conselheiro, principal personagem de Canudos, desenhando um amplo painel sobre a sua vida, especialmente sobre os momentos que antecedem a fundação de Belo Monte em 1893. Ressalta novamente os conflitos e a hierarquia da Igreja Católica; O suposto Milenarismo do Conselheiro.

Concluindo a nossa 5ª e última entrevista o Professor Calasans traça breves perfis de personagens que ficaram célebres na História de Canudos, como o Juiz de Direito Arlindo Leoni (1869-1936), Luís Viana (30/11/1896-06/07/1920), Febrônio de Brito, o Coronel Moreira César (07/07/1850-04/03/1897), General Arthur Oscar, de Andrade Guimarães, como Comandante da Quarta Expedição, que arrasou o Povoado de Canudos.

*“Bem, nós vamos começar a entrevista com o Professor José Calasans, hoje, dia 04 de agosto de 1997, às 14:52, é então a nossa primeira fase da entrevista”.* Assim, desse modo, demos início às nossas atividades. Gostaria de destacar alguns momentos das entrevistas para o público leitor que são relevantes, no qual o Mestre Calasans descreve um episódio bastante pitoresco numa viagem de navio para Sergipe, vamos a sua narrativa:

- CALASANS: *(Eu) Que ainda era estudante de Direito do segundo ou terceiro ano e encontrou no navio que ia para Sergipe um grande Advogado, o Evaristo de Moraes, ia tomar parte de um Júri famoso, um problema lá de Sergipe, uma morte, um negócio de paixão. E, eu tinha lido, em 1934 e 35, o livro dele sobre a Escravidão no Brasil. Ele*

*era um velho muito agradável. E quando ele viu que eu tinha lido um livro dele ficou entusiasmado. Eu estava muito apegado ao problema do negro. Cheguei primeiro ao negro do que ao jagunço de Canudos. Essa minha viagem foi muito agradável, porque até então eu nunca tinha visto um Historiador. Ele conversava muito era um apaixonado também pela História. Quando cheguei em Sergipe, durante alguns dias, eu me julguei da equipe do Evaristo de Moraes. Fui assistir ao Júri e aí ocorreu um caso que não esqueço: no dia do Júri, eu, estudante de Direito, me sentei logo na frente. Na hora da tréplica o Evaristo me chamou assim: “me arranje com urgência uma trena” eu saí e trouxe a trena para o Evaristo. Eu nunca vi farsa tão grande. Lia os autos e media. O Advogado de Defesa ficou perdido, pois não entendia o que Evaristo estava fazendo com aquela trena. Pouco antes de falar, Evaristo me chamou e entregou a trena. Quando falou não fez qualquer referência a problema de distância, de tiro, de nada. Tudo tinha sido feito para distrair e atrapalhar o Advogado de Defesa. Mas eu me entusiasmei com essa truque, mas o que me interessou mesmo foi ter conversado com um Historiador”.*

*- Professor, Evaristo conseguiu vencer o Júri?*

*- CALASANS: Conseguiu, conseguiu. Conseguiu, mas ele tomava nota, multiplicava, fazia qualquer coisa, e o outro Advogado que era até um sujeito de muito valor, que era daqui da Bahia, a gente via que ele falava com receio do que Evaristo estava fazendo com a trena. O Evaristo era como todo Advogado do crime, era brilhante e quase farsante.*

*- Ele (Evaristo de Moraes) foi Advogado do Dilermano de Assis.*

*- CALASANS: Foi Advogado do Dilermano. É isso mesmo, ele foi Advogado do Dilermano.*

Em um segundo momento a ser lembrado pelo Professor José Calasans é o seu retorno ao Estado de Sergipe.

*- CALASANS: Bom, mas aí quando eu voltei para Sergipe...*

- Já estava formado?

- CALASANS: *Já estava formado, acabei me candidatando para ser professor da Escola Normal.*

- O Senhor não pensou em advogar?

- CALASANS: *Não, não. Então, eu fiz um concurso para Professor da Escola Normal, que era História do Brasil e de Sergipe. Escolhi um tema sobre a História da Fundação de Aracaju.*

Em um outro momento da entrevista, ainda no primeiro dia Marco Villa formula a seguinte questão:

- *Professor Calasans, deixa eu perguntar uma coisa para o Senhor. O Senhor disse, momentos atrás, que sua ida a Canudos, em 1950, a primeira pessoa que o senhor conheceu foi o Manoel Ciriaco?*

- CALASANS: *Foi o Manoel Ciriaco que me foi posto à disposição.*

- *Marco Villa: A partir de então o Senhor passou a ter contato com outros sobreviventes?*

- CALASANS: *Homens e mulheres. Lembro-me bem de uma filha de Macambira, Francisca, e até deu-se uma coisa interessante: “Francisca, olhe, esse moço é da Bahia!”. Ela disse: Seu Lélis ainda é vivo? Era Lélis Piedade, do Comitê Patriótico, que havia tratado das irmãs dela, queimadas de varíola. As irmãs viram para Salvador trazidas pelo Batalhão do Dantas Barreto. O Lélis conseguiu que muitos Oficiais entregassem os menores. As duas estavam no Forte de São Pedro. Ele foi buscar as duas irmãs e elas não puderam sair no mesmo dia pois a roupa estava lavando e elas não tinham outra muda. Manoel Macambira, que foi vaqueiro do Dr. Fiel, e que não se envolveu na Guerra, foi quem as mandou buscar. Porque o Comitê pedia muito às pessoas que tivessem recursos, levassem os seus parentes. Ele levou as três. As duas que estavam aqui e a outra, porque parece que a família era grande, inclusive tem*

*aquele que atacou a Matadeira. Eu não sei se você já ouviu falar em Zé Pretinho?! Tanto o João de Régis, como o Ioiô da professora, falam nesse filho de Macambira, chamado Zé Pretinho, donde a gente conclui que o Macambira deveria ser escuro. Chamava-se José, José Pretinho. E esse, não sei se era verdade, contava muita coisa que fez, matando soldado, isso e aquilo. Porque o Joaquim Macambira morreu cedo. Ele morreu cedo, morreu logo naqueles primeiros ataques, e outro, Manoel, esse nunca apareceu, não aparece nenhuma referência dele. Quando o Paulo Fontes propôs uma questão contra o Estado, contra a União Federal, pedindo indenização, uma das testemunhas dele foi o Manoel Macambira, que na hora das declarações finais não apareceu, não estava por lá, nem ele nem o Jesuíno. O Jesuíno foi testemunha, porque eles diziam, e outros fazendeiros também disseram, que os jagunços respeitavam a propriedade. Entendeu? Que os prejuízos que eles tiveram os proprietários de Cocorobó e Canudos, foi por causa do Exército, que chegou com fome e não havia víveres suficientes. Então eles mandavam matar o bode e o carneiro, o bode e o boi. E aí tem uma outra coisa que me parece significativa: O Euclides da cunha diz que o Moreira César morreu na casa de uma fazenda abandonada, de Canudos, mas eles apresentam para indenização o número de cabeças de gado, vacum e caprinos que possuíam em fins de 1896. Trezentose tantos, quatrocentos, se tinham esses números é porque, a fazenda só foi abandonada na hora da ameaça do Moreira César, não é? Porque Uauá era uma coisa de lá, não é? Mesmo o Febrônio ficou muito distante da fazenda. Agora, quando anunciou-se o ataque, me disse Pedrão, que Zé Venâncio, parece que é a grande figura militar dali. Foi o Zé Venâncio que derrubou as casas todas. Tanto que a Expedição de Savaget não encontra nenhuma casa ocupada, eram só casas abandonadas ou derrubadas. Como também pela estrada do Rosário. O Venâncio deve ter tido esta missão. Segundo me disse Pedrão, ele veio de longe, ele é um homem de São Romão. São Romão é um povoado no Rio São Francisco no lado de 1843-Pernambuco, perto das Lavras Diamantinas. Lá ele foi buscar armas cedidas por Coronéis inimigos de Luiz Viana, ricos e bem municiados. O Zé Venâncio foi buscar armas, quando viu que o insucesso de Uauá ocorreu devido à falta d armas: eles tinham duas ou três espingardas e foram de pau cantando aquela coisa toda, parecendo aqui os Sem Terra quando chegam nos lugares. O Zé Venâncio é um homem importante, tanto quanto Honório Villanova diz que quando os padres não quiseram celebrar mais a missa, o Conselheiro mandou ele saber dos padres se vinham ou não celebrar e o Zé Venâncio acabou tendo uma discussão com o Frei João Evangelista do*

*Monte Marciano (1843-1921), que amaldiçoou e ele amaldiçoou também Frei João. Ele devia ser um homem de prestígio para ter esta missão, não é?*

*- E o João Abade?*

*- CALASANS: Pedrão não gostava de João Abade, me disse: tive um arranco com ele”. Ele cometeu um crime e no meio da estrada entre Tucano e outro ponto que não me lembro agora, ele encontrou um sujeito dando numa mulher, entrou na briga e terminou matando o agressor da mulher. Por isso acabou tendo de fugir da Justiça e foi acompanhar o Conselheiro. Ele me disse também que o Pajéu era um moleque safado. Que quando chegou em Canudos, foi preso por João Abade, e levado para a Poeira. Ele me disse também que teve uma questão com o Pajéu lá, em Várzea da Ema. O jornalista, o Lélis Piedade, diz que, em Queimadas, contavam que Pajéu, desrespeito alguém e apanhou no meio da rua. Segundo o Edmundo Moniz, Pajéu apanhou por ordem do Conselheiro para não parecer que os Conselheiristas eram desordeiros.*

*- Quando foi o primeiro contato que o senhor teve com Pedrão?*

*- CALASANS: O antigo Diretor das Obras Contra as Secas tomou um depoimento de Pedrão, é o Lima, ou o Souza Lima. Não sei se há cópia no DNOCS. É um depoimento de Pedrão, que estava lúcido quando conversou comigo, quando conversou com o Paulo Dantas, mas é um documento mais antigo onde talvez ele negue que tenha combatido em Cocorobó. Porque com toda aquela coragem que ele manifestou, ele disse: “Doutor meu coração pedia para brigar”, ele ficava muito calado, entendeu? Quando fui conversar com ele a primeira vez, ele não me disse nada. Eu voltei ao Arnaldo: Dr. Arnaldo, Pedrão não fala”. Ele disse: “ Hoje de tarde ele vai falar, eu vou dizer a ele que você é pessoa mina”. E realmente de tarde e no outro dia de manhã ele começou a falar, contar as coisas que fez. Porque ele fugiu e só voltou à Várzea da Ema muitos anos depois, porque acho que receava que houvesse algum processo, alguma coisa contra ele. Eu tenho a impressão que ele receava isso. E foi uma das coisas boas que o Governo fez foi não querer apurar nada. Não tem nenhum processo. Se fosse em 64 era processo como o Diabo, mas lá não teve nenhum. Pedrão voltou anos depois, Ciriaco que fugiu, não por causa dele mas por causa do pai. Segundo o*

*João de Régis ele era covarde, o pai é que era valente. Acho que ele não se dava bem com o pessoal de Ciriaco, porque esse velho Ciriaco é da região.*

Num outro instante da entrevista o professor José Calasans expõe sobre o Arraial de Canudos.

*- E o Arraial em que estado estava quando o Senhor chegou lá?*

*- CALASANS: Ah, estava bem, Tinha uma praça enorme e o Cruzeiro.*

*- No mesmo lugar?*

*- CALASANS: O Cruzeiro estava no mesmo lugar, quer dizer, o Macedo Soares diz que o Cruzeiro foi levado para o outro lado o rio, onde foi enterrado Tupi Caldas e alguns Oficiais. Quando eu estive lá o Cruzeiro estava bem. O Cruzeiro foi derrubado por causa da estrada.*

*- Em algumas das suas idas a Canudos, depois de 1950, o senhor chegou a fotografar o Arraial?*

*- CALASANS: Não. Mas quem fotografou muito foi o Pierre Verger (1902-1996) e o pai de Claude Santos (Alfredo Santos). Foi o Odorico Tavares (1912-1980), quem levou Verger a Canudos, pouco depois de ter chegado ao Brasil. Eu tenho uma carta do Rodrigo Melo Franco apresentando Verger. A reportagem de Odorico resgatou Canudos do esquecimento.*

*- Como o Senhor analisa as relações entre o Conselheiro e os proprietários da região?*

*- CALASANS: A maioria dos proprietários da região mantinha boas relações com o Conselheiro, a não ser o Coronel José Américo, tomou posição contra o Conselheiro, os outros não! O Macambira é um homem de recursos. Outra coisa, o Antonio da Mota e o Macambira mantiveram relações comerciais com Juazeiro, com Monte Santo, com Santa Luzia. O chefe lá de Santa Luzia, Coronel Zé Leitão, mantinha contato com Canudos, porque estava em com o Conselheiro.*

Ocasão muito interessante no decorrer da entrevista foi quando indagado:

- *Quais os pontos de vista que o Senhor mudou nesses cinquenta anos de pesquisas sobre Canudos?*

- CALASANS: *Primeiro eu me libertei de Euclides. E eu sinto mesmo que fui me libertando sem perder a admiração que todo brasileiro deve ter por ele. Segundo: eu comecei a ver o sertanejo real, não naquelas tiradas de Euclides. Tiradas que o povo aceitou e todo mundo no Brasil sabe:” o sertanejo é antes de tudo um forte.” Não tem outra frase que todo mundo fale, né? [...] Tem certas coisas que marcaram, ele tinha esta capacidade. Agora, não dá para esquecer os defeitos, aquela coisa de não citar, como fez com o diagnóstico de Nina Rodrigues[...] Ele só cita uma vez Teodoro Sampaio, o livro O Tupi na Geografia Nacional. Tem páginas e páginas em Os sertões que são de Durval Vieira de Aguiar, Ele cita Durval somente uma ou duas vezes, entende?*

- *Como eram as prédicas lá em Canudos? Quem predicava? Somente Antônio Conselheiro?*

- CALASANS: *Olhe, o Fávila Nunes publicou umas cartas em um livro que lamentavelmente não prosseguiu. Ele queria fazer 50 fascículos, e só fez três do qual só se conhece um que está aqui. Tem uma dessas cartas dizendo assim: “O Conselheiro marcou Conselho para dia tanto”. Aquela cerimônia grande do Conselheiro era depois que ele estava em Canudos e era periodicamente marcada. Agora, todos os dias tinha no fim d tarde e se prolongava pela noite, o Terço, e que o Conselheiro assistia. Um velho deu uma entrevista para o Estado de S. Paulo há muitos anos dizendo que o Conselheiro assistia. Mas aí ele diz assim: “ Eu não fui porque eu nunca gostei de homem rezador “. Quer dizer, a unanimidade não teria existido,” Eu nunca fui porque nunca gostei de homem rezador”, entendeu? Todas as tardes havia essa reza e de vez quando se marcava o Conselho. E vinha gente de todas as partes.*

- *Virou o um Centro de Romaria?*

- CALASANS: *Virou. É ponto interessante para tratar. Um sujeito Tipógrafo de Aracaju, eu morava em Aracaju, publicou nos jornais que veio de Aracaju para tomar a bênção e assistir um Conselho dele. Quer dizer, vinha de diversas partes, entendeu? Vinham em romaria Ele pediu pra falar com o Conselheiro e a pessoa que tomava conta dessas, digamos, audiências, era o Paulo José da Hora, que disse a ele que na presença do conselheiro só se podia chama-lo de meu pai. Ele contou nessa entrevista, que está em livro de recortes de jornais no Instituto Histórico, que estava esperando a hora dele, quando uma senhora chegou-, que ele calculou que era uma fazendeira e disse: “Meu pai - diz textualmente – estou lhe trazendo dois envelopes, um, é para as obras da igreja e, o outro, é para meu pai”. E ele acrescentou que, logo em seguida, tinha outra pessoa que estava na frente dele que teria pedido dinheiro, pedido ajuda. O Conselheiro sem abrir o envelope entregou aquela parte que era destinada a ele, a parte da igreja não, mas a outra parte ele entregou a pessoa. O sujeito era Tipógrafo, eu procurei notícias desse homem, mas não devia ser homem humilde. Era Tipógrafo em Aracaju. [...] Parece que o próprio Honório diz que os homens não iam sempre para as orações de fim de tarde, as mulheres é que iam em grande massa.*

- *Quem foi Antonio Conselheiro?*

- CALASANS: *Eu tenho a impressão que Antonio Conselheiro chegou aqui como simples beato, fazendo aquelas coisas que que um beato fazia, e que ele fez quando passou em Assaré: arranjar as coisas para dar ao povo, aos necessitados, sair com aquele carneirinho. Eu acho que três pessoas de projeção na vida brasileira se modificaram com o sertão, vendo o sertão ou vivendo o sertão: Conselheiro, Euclides da Cunha e Luiz Carlos Prestes. Honório Vilanova dizia que quando ele viu o Conselheiro pela primeira vez ele era simplesmente um beato, porque não estava pregando, estava ensinando o povo a rezar, fazer caridade, arranjar dinheiro para os padres. Mas o Honório me dizia assim: “ Quando fui vê-lo na Bahia, ele já era um Conselheiro”. O Conselheiro é aquele que pode dar conselhos, entendeu? [...] Em 1893, pela Imprensa, Durval Vieira de Aguiar fez questão de escrever que o Conselheiro: “construiu a igreja de Mocambo, que hoje Olindina, e que era um homem pacífico, e que garantia a ordem no Cumbe”, quando se deu o Choque de Masseté e o Governo Estadual apelou para Floriano Peixoto, que acabou autorizando o General Inocêncio Galvão, que era o Comandante do Distrito, a enviar Tropa Federal para ir*

*atrás do Conselheiro com 80 Praças. O Durval Vieira de Aguiar veio pela Imprensa dizendo que no sertão o Conselheiro só tem feito manter a ordem e que achava perigoso mandar matar mulheres e meninos e que estavam acompanhando o Conselheiro. Apareceram outras opiniões, mas na reunião em Palácio, com o Governador Rodrigues Lima, (04/5/1845-18/12/1903) a discussão tomou um rumo que era duplamente perigoso: o envio de uma Força com 80 homens: 40 do 9o Batalhão e 40 do 16º, que nessa época serviam aqui. Mas a maioria dos presentes achou que aquela Tropa podia ser novamente vencida pelos Conselheiristas, e, caso tivesse algum êxito, acabaria matando milhares de sertanejos velhos, mulheres e meninos, Venceu a ideia de recolher a Tropa, o que foi feito no dia 09 de julho, quando o Comandante da Tropa que estava em Serrinha disse que o Conselheiro tinha saído do Cumbe e estava nos arredores de Canudos. Aí a Tropa foi recolhida e ninguém mais se preocupou com Canudos. Passou 1893,94, e em 95 vai a Missão do Frei João Evangelista, a Missão foi uma ideia na Assembleia Legislativa, de um Deputado Estadual que era até de oposição ao governador Rodrigues Lima, chamado Antônio Bahia. Ele fez um discurso mostrando as preocupações do sertanejo com aquele núcleo que estava crescendo, e que a oposição daria o seu inteiro apoio ao Governo para encontrar uma solução conciliatória para aquela questão.*

Ainda sobre o Professor José Calasns, escrevi no Caderno Cultural A Tarde, 25/05/2002, um artigo que tinha o seguinte título: “*Mestre jamais avaro no saber*”, onde mostrava que das inúmeras definições do significado da palavra mestre, existe uma que diz que é aquele que ensina. Parece-nos a mais singela, porém, a que melhor enuncia o saudoso José Calasans Calasans. O Professor era também um homem que não guardava as informações que coleta para si, não era avaro no saber, sua enorme generosidade intelectual sugeria uma fábula: “O mestre que ensinava o pulo do gato aos seus discípulos” e realizava o verdadeiro papel de um educador, qual seja: difundir o que aprende; disseminar o conhecimento e socializar o saber; o que o tornava quase uma espécie em extinção, considerando que a realidade dos círculos acadêmicos é quase caracterizada por grupos fechados, panelinhas, verdadeiros guetos dominados pelo ciúme, inveja, emulação e arrivismo, sendo que o mestre estava distante de tais frivolidades.

O Mestre Georges Gusdorf diz que : “É difícil precisar como o mestre tornou-se um mestre. A força do mestre é uma responsabilidade assumida. Primeiramente

responsabilidade para com os outros, pois o mestre descobre que ele tem responsabilidade de alma. Vivia até então confinado nos outros, agora são os outros que devem confiar nele”.

Em tempo: Existe em nossos arquivos uma correspondência do notório Professor Historiador Luís Henrique Dias Tavares, de 03/10/1997, ao Centro de Estudos Euclides da Cunha- CEEC, homenagem que anexo a este texto:

Professor é maior título de José Calasans. Possui o de Doutor, por concursos públicos de títulos e provas escritas e orais – os concursos de Livre Docente e Cátedra que resultavam em demonstração de saber, e resistência física e intelectual para o candidato e a Banca Examinadora. Mas o título de Doutor não supera o de Professor, este sim o que reúne a experiência humana à autoridade segurança na transmissão dos conhecimentos. Professor, este tudo complexo que é dado a poucos, é Calasans, nosso mestre maior.

Professor de professores, Calasans tem sido professor de todos que se aproximaram ou se aproximam do tema Canudos, esta questão, esta vergonha, esta imensidão social política e humana que é o episódio de Canudos e do seu personagem carismático, Antônio Vicente Mendes Maciel.

De todas as grandes qualidades de Calasans, a maior é a generosidade. No particular, é mestre em doar informações e sugestões para estudos, livros, artigos, peças de teatro e filmes; informações e indicações também para a localização de problemas, e suas possíveis soluções, a respeito da vida e da obra de Euclides, da Cunha, muito principalmente Os Sertões. Calasans é o Professor, o Mestre, o Mestre, O Amigo, O Colega, O Companheiro que todos desejam.

SSA, 03.10.1997.

Luiz Henrique Dias Tavares

Não poderia deixar de publicar a homenagem feita ao Mestre Calasans, pelo professor Renato Ferraz, (22/09/1934 – 02/09/2002) que estava já bastante debilitado em virtude do acometimento de uma doença, leu o meu artigo publicado no Caderno Cultural de A Tarde, 25/05/2002, cujo título era: “Mestre jamais avaro no saber” e escreveu o seguinte bilhete para mim:

Gostei muito do seu artigo sobre Calasans. Ele ressalta, sem pieguice, aquilo que eu acho ter sido o traço mais marcante do caráter do nosso velho Mestre e amigo: a generosidade.

Parabéns e um abraço,  
RF

Em tempo: O Mestre Ferraz, faleceu dois meses depois.

## REFERÊNCIAS:

VILLA, Marco Antônio. Calasans: Um Depoimento para a História/Marco Antônio Villa. Salvador: Gráfica da UNEB,1998.

CALASANS, José. Quase biografia de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia,1986.

GUSDORF, Georges. Professor para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia. São Paulo: Martins Fontes,1995.